

Índice

I. A viagem	11
II. Os três tempos	15
III.	17
IV. O nó de oiro	19
V. O brinde	27
VI.	29
VII. A <i>rocking chair</i>	31
VIII. Coração	35
IX. O acordar de Amélia	37
X. O realizador	41
XI. A educação de Agustina	49
XII. A mosca	53
XIII. Afastamento	57
XIV. Um caso de amor	63
XV. Ainda, o realizador	67
XVI. Florescem as mimosas	69

*Um livro nasce dum desejo profundo de relacionamento
com aqueles que nos são caros.*

(Agustina Bessa-Luís, “Os Incuráveis:
Revelação e Criação”, conferência pro-
ferida na Universidade de Salamanca
em 15 de Março de 1984)

As Sibilas

Diálogos em *sfumato*

I

A viagem

Novembro de 1957

— Depois das seis da tarde, não se usam pérolas — disse.

Neve, na estrada de Burgos — aquela paisagem que se estendia, pré-histórica, intocada na sua antiquíssima essência, abria-se num estreito trilho onde rodava o automóvel.

Ao longe, as nuvens tocavam na terra, como rolos de cabelos de anjo, e era para lá que eles se dirigiam, o casal, Agustina e Alberto. Por cima das suas cabeças, ouviam vozes cansadas, condenadas a serem voz, esperando o silêncio, o silêncio, que era o lugar do Paraíso.

Guiava um *Volkswagen*, preto; o frio entrava pela capota de lona e humedecia a requintada pasta de couro verde, forrada a couro vermelho e seda *moirée*, debruada com ferros a ouro, o fecho de latão envelhecido, pousada no banco de trás. Tinha inscrito — *Premier Consul*. Uma réplica da original que pertencera a Napoleão I. Usava-a com desprante e humor.

Ali, guardava fotografias de lugares, apontamentos soltos para a biografia que pensava escrever. Mas certamente nem

os iria usar com rigor — podia ser uma biografia inspirada, dela, dessa mulher que atravessava Castela, para lá, para cá, às vezes descalça, outras vezes calçada com botinhas pretas, em todas as épocas, testemunhadas por pastores, guerreiros, santos, peregrinos, escoltas reais, animais uivantes, predadores uns dos outros, como o homem o é, do outro homem.

Atravessava as planícies de terra vermelha, profunda, sobreoadas por aves de rapina, silenciosas, que eram as almas dos habitantes antiquíssimos, esquecidos das orações daqueles que ajoelhavam nas encruzilhadas dos caminhos, e pediam pão e justiça.

Acabara de ler o julgamento de Maria Antonieta no Tribunal Revolucionário nesse mesmo dia em que retomaram a estrada de Burgos, de regresso a casa, donde chegavam más notícias.

A tia Amélia piorava, e já se pressentia o fim.

A sua história estava já contada há quatro anos n’*A Sibila*. Nada havia a dizer na hora da morte.

— Vem, Espanha, em meu socorro! — gritou Maria Antonieta. Mas não foi: nem Espanha, nem Inglaterra, nem a Alemanha.

Ela vestia uma camisa solta, branca, tinha as mãos atadas e o porte era firme.

Talvez naquele momento lhe viesse à lembrança o pequeno Mozart que tocara na corte vienense; eram ambos crianças, e o que fica dos sentimentos, a idade não o esvazia, nem o perde. Um dia eles voltam da sua errância, na forma de imagem guardada eternamente.

Impressionou-o, a ela, a Agustina, aquele homem que correu a impregnar o seu lenço branco com o sangue da cabeça decapitada. O povo, duzentos mil em fúria, rendeu-se às pa-

lavras serenas dos oficiais de cavalaria que o cercaram e abriu alas para o deixar passar.

Onde está esse homem? Fersen? E esse vermelho derramado num pequeno círculo alastrou, a manchar o branco, todo o branco do mundo. O branco do mundo, cada vez mais apagado, tingido de lágrimas de sangue, de vômito.

Passaram mais de 200 anos, e o povo continua a sair às ruas, a gritar, a decapitar, a ter fome, a atravessar fronteiras em sofrimento, a dormir em enxergas imundas, a desconhecer a justiça e o bem.

Avançavam na estrada de Burgos a caminho de Simancas a velocidade moderada, embora tivessem alguma pressa em chegar. Certamente iriam desistir de desviar até Corrales, a terra de sua mãe, a Castellhana. Não se cruzavam com ninguém, não havia trânsito nenhum. A paisagem, majestosa na sua nudez vazia e branca, fingia dormir. Todo o sono é um fingimento. Até o da morte.

A biografia? Não a começara ainda a escrever, mas já a via rolar à sua frente, como um pergaminho que se desdobra e deixa ver os quadros de letras animadas como bonecos articulados, que contam histórias sem tom nem som.

Teresa Sánchez está sentada na letra A, periclitante, porque se ri do que Deus lhe revela, os saiotos vermelhos enrodilham-se no arabesco, e as meias de algodão, tricotadas, vermelhas e brancas enrolam-se-lhe abaixo dos joelhos. É uma rapariga de uma alegria e de uma desalegria inquietas, irá encontrar-se num destino glorioso, entre o de santa e o de pensadora. — De Ávila, ni el polvo! — disse, sacudindo as sandálias, irritada com a pouca fé dos homens. E era criança ainda.

Aos 3 anos, Agustina saiu de casa e foi andando sozinha pela avenida do mar, em Espinho. Como Teresa Sánchez, começou aí o seu próprio caminhar, sacudindo o pó dos sapatos, descalçando-os mesmo, para continuar descalça.

Santo Ambrósio, o milanês, diz, citando Lucas: “não leveis bolsa nem sandálias...”

Como Teresa Sánchez, que um dia largou os saiotes vermelhos, despiu-se de si própria, vestiu o hábito de freira, e caminhou, caminhou descalça pelas terras castelhanas, e falou do que lhe ditavam o coração e a inspiração, arrebatada pelas suas visões e revelações. O coração foi-lhe trespassado por uma lança, para que ela sentisse a dor da palavra divina.

O mesmo sentiu Agustina, no seu ofício.

II

Os três tempos

A tia Amélia piorava, e já se pressentia o fim.

A sua história estava já contada há quatro anos n' *A Sibila*. Nada havia a dizer na hora da morte.

Seguiram-se *Os Incuráveis* em 1956, um romance familiar da sua gente do Douro e de Castela; e acabara nesse mesmo ano de 1957 de escrever *A Muralha*, onde o Porto emerge de escombros, levantados com mão delicada e sentir poético.

O Paço, o Douro e o Porto. Os três lugares onde cresceu, viveu, aprendeu e trabalhou. Os três tempos de um fundo comum donde evoluiu o pensamento.

Depois, foi desdobrando cada uma destas obras em milhares de escritos. Se pudéssemos prender uma fita de cor escarlate a cada personagem que se entrechoca ao longo das páginas dos seus romances, misturando tempos e reinos, precisaríamos de todo o céu para ali desenhar um cortejo esplêndido, complexo labirinto de riscos e de cores!

Entretanto, sempre por perto, os apontamentos para a biografia da Santa Castelhana. Era mais uma companhia, a referência de um exemplo que não perdia de vista.

III

Vou entrar.